


Fações criminosas: um balanço da produção acadêmica no Brasil (2000-2022)

Luiz Claudio Lourenço

Universidade Federal da Bahia, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-6781-0230>

lulalourenco@gmail.com

Fações criminosas: um fenômeno criminal e social

Nas últimas décadas, os textos que mapearam a produção sobre crime e violência no país apontaram contribuições significativas e o crescimento da área dos estudos prisionais, mostrando a incontornável importância de se levar em conta crime e prisão como partes integrantes de uma mesma dinâmica (ZALUAR, 1999; ADORNO, 1993; MISSE et al. 2001; SALLA, 2006; CAMPOS; ALVAREZ, 2017; LOURENÇO; ALVAREZ, 2018).

Nas ciências sociais, a literatura que discute a atuação de grupos criminosos dentro e fora das prisões conta com uma série de trabalhos

em diversos contextos geográficos (DECKER, KATZ; WEBB, 2008; JACOBS, 1974; PHILIPPS, 2012; PYROOZ, DECKER; FLEISHER, 2001; SKARBEEK, 2010, 2011). Hoje, as chamadas facções criminosas constituem parte integrante da cadeia de relações econômicas, sociais e políticas dentro das unidades prisionais, influenciando também as dinâmicas em áreas urbanas, onde exercem poder. Assim, é possível dizer que o crescimento desse fenômeno social nas últimas duas décadas teve um duplo impacto, por um lado nas prisões, por outro em áreas urbanas.

Mas, antes de avançar no detalhamento do desenvolvimento dos trabalhos que discutem dinâmicas criminosas dentro e fora das prisões, é necessário delimitar o que estamos falando quando usamos o termo “facção criminosa”? Uma definição operacional requer, aqui, a percepção de sete fatores fundamentais que fazem parte da configuração desses grupos e balizarão nossa construção conceitual de facção criminosa.

1. “Proceder” e pertencimento ao “mundo do crime”: os agrupamentos descritos nos diferentes trabalhos observados aqui são compostos por indivíduos inscritos dentro do “mundo do crime”, que compartilham códigos e valores de sociabilidade entre seus membros. Assim, o chamado “proceder” opera como um tipo de ordenamento social dentro do cárcere, mas que também se dilata para áreas de influência das facções, como o espaço urbano periférico (RAMALHO, 2002; MARQUES, 2010).
2. Ganhos econômicos no crime e empreendimentos criminais: as facções se caracterizam por ter nas atividades ilícitas um empreendimento econômico de geração de renda, ou seja, sua existência e seus ganhos dependem fortemente de suas atividades

dentro do crime. A facção é um meio de garantir os ganhos econômicos de seus membros. Nas prisões, também adotam uma lógica econômica que estabelece um empreendimento que ganha dividendos ao garantir aos internos acesso a bens e serviços (NAYLOR, 2000; COELHO, 2005).

3. Atuação “prisão-rua”: os grupos analisados em vários contextos não restringem a sua atuação a espaços prisionais ou a periferias urbanas. Exercitam seu poder e influência dentro das prisões, mas comandam também empreendimentos ilícitos fora dos cárceres, sobretudo em áreas periféricas e empobrecidas de grandes centros urbanos (HAGEDORN, 2005; DOWDNEY, 2003; FELTRAN, 2010).
4. Estrutura organizacional e hierarquia: os grupos criminosos em suas diferentes configurações adotam hierarquias, estruturas e designam tarefas específicas para seus membros (SKARBEEK, 2010; FELTRAN, 2010; DIAS, 2011; BIONDI, 2014).
5. Normas e regimentos instituídos: há um esforço em comum — que pode ser mais ou menos intenso e/ou uniforme, a depender de vários fatores — em normatizar e regulamentar o comportamento dos seus membros e de todos os que estão sob sua influência (SKARBEEK, 2010; DIAS, 2009; RIBEIRO; OLIVEIRA; BASTOS, 2019).
6. Punições e uma economia política da violência: o uso da violência não é tido como o primeiro nem único instrumento de coerção. Os mecanismos de correção e punição passam por uma gama diversificada que inclui a violência, mas não se resume a ela. Além disso, a força no espaço prisional e periférico passa

a ser instrumentalizada a favor da estruturação do grupo, e não mais como atributo individual (SKARBEEK, 2010; FELTRAN, 2010).

7. Apelo identitário, cultural e ideológico: embora de forma diferente e com maior ou menor intensidade, percebe-se a existência de uma dimensão que pode ser moral, ideológica ou política, cuja compreensão extrapola a perspectiva da racionalidade econômica. Essa dimensão traz a ideia de pertencimento a uma causa maior, ou seja, a uma coletividade imaginada (ALVAREZ; SALLA; DIAS, 2013; RIBEIRO; OLIVEIRA; BASTOS, 2019).

Cada um desses fatores presente nas facções criminosas são discutidos em profundidade na literatura referendada sobre o tema. A conjunção deles como síntese de definição para facção criminosa nos dá um conceito mais claro e um objeto mais robusto para trabalharmos sociologicamente.

Na literatura em língua inglesa, não há correspondente conceitual para “facção criminosa”; contudo, muitos desses fatores elencados acima se encontram nos conceitos de *criminal groups* e *prison gangs*. Skarbek (2010, 2011), por exemplo, estudando *La Nuestra Familia*, adota uma definição interessante e observa que este grupo é uma organização que usa a violência em empreendimentos ilícitos dentro e fora das prisões. Outros estudos que tratam da atuação e transformação das *Maras* na América Central apontam não só a atuação de tais grupos na prisão e nas ruas, mas o seu desenvolvimento em sofisticação política e internacionalização (MIGUEL CRUZ, 2010). Ou seja, o que é importante quando nos debruçamos sobre esse fenômeno social é que estamos a tratar de um conjunto de relações que ocorre contem-

poraneamente em diferentes contextos e acaba tendo denominações distintas, embora tenha fatores estruturantes similares.

A instauração de facções no Brasil: de falanges e serpentes a comandos

Desde a década de 1970, estudos retratam o fenômeno de criação de coletivos conhecidos como “facções” no interior do sistema penitenciário de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. O Comando Vermelho (CV), inicialmente conhecido como Falange Vermelha, ofereceu os primeiros contornos dessa experiência de relação entre presos, que teve repercussões fora das prisões (PAIXÃO, 1987; COELHO, 2005). Antônio Luiz Paixão foi um dos primeiros dentro da sociologia brasileira a falar de maneira mais analítica sobre esses grupos dentro das prisões, a despeito de naquela época as “falanges” e as “serpentes”¹ ainda não serem uma realidade em Minas Gerais.

A referência empírica mineira deste trabalho não pode servir de escusa a uma não-discussão do tema central do debate público de problemas penitenciários no Brasil — o papel e as atividades de grupos organizados de prisioneiros na constituição, manutenção e desestabilização da ordem social de presídios e penitenciárias (PAIXÃO, 1987, p. 73).

Dentre os fatores levantados por Paixão para a ascensão desses grupos (e que ainda hoje são importantes nas discussões sobre o tema) está o perfil dos internos, além da circulação de presos, via transferências de lideranças, o que alastraria a atuação desses grupos por várias unidades prisionais. Ele também pondera e relativiza a influência das organizações de esquerda na mobilização desses grupos.

¹ Referência à Falange Vermelha existente no Rio de Janeiro e ao grupo Serpentes Negras, supostamente existente em São Paulo.

A combinação “perversa”, em “falanges” e “serpentes”, de assaltantes de banco e traficantes de tóxico, reincidentes e com longas penas a cumprir, é consistente com o comentário, em seção anterior deste trabalho, sobre a *modernização* da criminalidade metropolitana no país. Antes do contato com militantes de esquerda ou com membros de organizações de direitos civis, as atividades práticas de assalto a banco e tráfico de drogas já ensinara aos “novos” bandidos a ação organizada como requisito de eficiência. (PAIXÃO, 1987, p. 76-77)

Em meados da década de 1990, com o surgimento do Primeiro Comando da Capital (PCC)² houve o aperfeiçoamento da organização dos internos, e essa organização rapidamente se capilarizou não só pelo estado de São Paulo, mas também atuando de maneira direta e indireta em outros estados do Brasil. Segundo a Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Carcerário (2009), já contávamos com mais de 30 facções atuando nas prisões brasileiras na década passada. Hoje, além do poder exercido em inúmeras prisões, as principais facções do país, o PCC e o CV, também já estabelecem influência e passam a atuar em países vizinhos, tais como Paraguai, Bolívia e Peru (MANSO; DIAS, 2017).

Metodologia

Para realizar este levantamento, utilizamos o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (catalogodeteses.capes.gov.br), que congrega atualmente as informações dos programas de pós-graduação do país. Esse banco de informações é formado a partir do sistema de “coleta”, em parceria com a área de tecnologia da informação da CAPES. O Catálogo vem sendo usado como ferramenta para produção de revisões bibliográficas de diferentes temas dentro das ciências sociais em

² Segundo podemos apurar, o PCC aparece em 1993, sendo que sua existência é veiculada nos meios de comunicação apenas em 1997.

virtude da representatividade e da abrangência dos trabalhos científicos veiculados na plataforma (DE AZEVEDO SOARES, 2021; ALEGRIA et al. 2020).

Dentro do intervalo temporal de 2000 a 2022, usamos como descritores de pesquisa os seguintes termos: “facção”, “facções”, “facção criminosa”, “facções criminosas”, “grupos criminais”, “grupo criminal”, “grupo criminoso”, “grupos criminosos”, “PCC”, “Comando Vermelho”. Os descritores “facção” e “facções” foram usados junto com o booleano “AND”, para restringir a amplitude da pesquisa, interseccionando os termos “violência” e “crime” — o que permitiu agrupar referências condizentes com os objetivos aqui propostos. Foram inclusas na pesquisa a presença dos descritores no título e/ou no resumo.

Os resumos das referências encontradas foram lidos integralmente para verificar se de fato o tema abordado se adequava aos critérios do fenômeno do qual estamos aqui tratando. Assim, todas as análises aqui feitas se referem a trabalhos que efetivamente fazem menção a facções criminosas que atuam no país. Todas as referências de grupo(s) criminoso(s) que não diziam respeito às dinâmicas aqui examinadas (tais como estudos sobre grupos criminosos ligados a estelionato, falsificação, etc.) foram excluídas. Também excluímos referências repetidas. Ao todo obtivemos 212 registros de distintas áreas do conhecimento.

Para uma análise mais detalhada, nas produções das Ciências Sociais, que porventura não tinham seus resumos disponíveis no catálogo CAPES, também foram pesquisados os repositórios institucionais para complementar possíveis lacunas de informação. Sabemos que, mesmo com os procedimentos e cuidados aqui adotados, o levantamento realizado poderá não contemplar toda a produção acadêmica

de teses e dissertações no período; salientamos, contudo, que as eventuais ausências não têm nenhum caráter intencional. Nossa pretensão, aqui, não foi fazer um estudo exaustivo (incluindo tudo o que foi produzido), mas uma pesquisa descritiva e prospectiva. Neste sentido, o catálogo CAPES se mostrou uma boa fonte de informações.

A seguir exibiremos e discutiremos os resultados dessa pesquisa bibliográfica, de modo a pontuar aspectos comuns e frequentes observados nas produções e realizar uma análise mais pormenorizada dentro do campo das Ciências Sociais. No caso das teses e dissertações defendidas nas Ciências Sociais, foram examinadas ainda as abordagens metodológicas empreendidas na pesquisa.

A expansão e abrangência das facções na academia

Um primeiro dado que chama atenção é o volume da produção que menciona “facções” e/ou “grupos criminosos” como parte integrante de seus problemas de estudo. Olhando as últimas revisões bibliográficas feitas no campo dos estudos prisionais e de violência, já era possível perceber a tendência de crescimento desses trabalhos (SALLA, 2006; CAMPOS; ALVAREZ, 2017; LOURENÇO; ALVAREZ, 2018; FACHINETTO et al., 2020).

Além disso, o tema “facções criminosas” se mostrou presente em diversas áreas do conhecimento, tendo, contudo, parcela significativa de sua produção realizada dentro nos programas de pós-graduação em Ciências Sociais (incluindo aí Sociologia, Ciência Política, Antropologia e Ciências Sociais), como é possível ver abaixo (Tabela 1).

A diversidade de áreas encontradas, para além das Ciências Soci-

Tabela 1 – Distribuição de teses e dissertações que tratam de Facções Criminosas (2000-2022)

	Ciências Sociais n (%)	Outras Áreas n (%)	Total n (%)
Teses	22 (39,3)	34 (60,7)	56 (100)
Dissertações	45 (28,8)	111 (71,2)	156 (100)
Total	67 (31,6)	145 (68,4)	212 (100)

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES (elaboração própria).

ais, nos mostra o quanto este tema tem visibilidade na agenda de pesquisa das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas e o quanto tem potencial de transversalidade e transdisciplinaridade. Ao longo do período, pode-se perceber que houve uma tendência de crescimento de produções em outras áreas do conhecimento (Gráfico 1).

Nas Ciências Sociais Aplicadas, chama a atenção as produções na área do Direito, sobretudo apontando as fragilidades e dificuldades legais, tanto na tipologia criminal quanto no comportamento do judiciário, para lidar com esse tema (CORDEIRO, 2009; LOPES, 2011; CORREIA, 2021).

Na Comunicação (10), destacam-se os estudos que analisam a cobertura que a mídia dispensou nos eventos relacionados aos *Ataques de maio* promovidos em 2006 pelo PCC em São Paulo (ALBANI, 2007; COUTO, 2009; LOPES, 2008). A parcialidade e a ênfase em uma cobertura falha que difundiu mais medo do que informação foram frequentemente descritos nesses trabalhos. Já nas Ciências Humanas, para além das Ciências Sociais, o destaque está na produção em Psicologia (10), Geografia (7), Educação (7), Serviço Social (6) e até mesmo Teologia/Ciências da Religião (3). No que se refere à Geografia (7), é importante mencionar a produção de programas afins, como: Estudos urbanos e regionais (1), Estudos fronteiriço (1) e Ges-

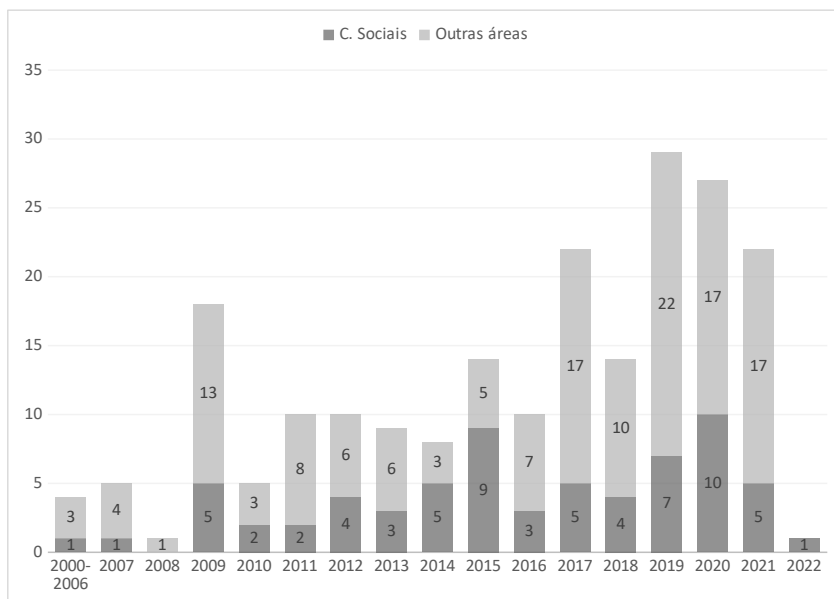


Gráfico 1 - Teses e dissertações nas Ciências Sociais e em outras áreas (2000-2022)

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES (elaboração própria).

tão integrada do território (1).

Dos trabalhos encontrados, 29 dissertações foram realizadas em mestrados profissionais (sendo 14 na área de Segurança Pública, Ciências Criminais e afins), o que revela uma preocupação importante dos operadores de segurança com a formação acadêmica sobre o tema.

As dinâmicas de regionalização da produção se mantiveram semelhantes tanto para as Ciências Sociais quanto em outras áreas de conhecimento, sendo que a maior parcela dos trabalhos se concentrou na região Sudeste, tendo como objeto de estudo o PCC (Tabela 3). Esse dado se explica, em parte, dado a centralidade, importância e visibilidade do Primeiro Comando da Capital. Ao todo, contabilizamos 33 estudos que tratavam de questões referentes ao PCC, sendo

Tabela 2 – Teses e Dissertações nas diferentes áreas do conhecimento (2000-2022)

Área	Diss.	Teses	Total
Administração	1		1
Arquitetura	2		2
Ciências Criminais	2	1	3
Ciências da Religião/ Teologia	2	1	3
Coginição e Linguagem	1		1
Comunicação	9	1	10
Crítica Cultura	1		1
Direitos Humanos	4		4
Demografia	1		1
Desenvolvimento Local	1		1
Desenvolvimento Regional e Urbano	1		1
Direito	33	11	44
Estudos Comparados Sobre As Américas	0	1	1
Estudos Fronteiriços	1		1
Economia	3	1	4
Educação	3	4	7
Estudos Estratég. da Defesa e da Segurança	0	2	2
Estudos Urbanos e Regionais		1	1
Geografia	5	2	7
Gestão Integrada do Território	1		1
História Social	1	1	2
Letras	1	2	3
Memória: Linguagem e Sociedade	1		1
Políticas Públicas	6		6
Psicologia	9	1	10
Química		1	1
Relações Internacionais	2		2
Saúde Coletiva	1	3	4
Segurança Pública/Cidadã	14		14
Serviço Social	3	3	6
	109	36	145

Fonte: catálogo de Teses e Dissertações CAPES (elaboração própria).

25 no Sudeste, 5 no Centro-oeste, 2 no Nordeste e 1 na região Sul.

Tabela 3 - Distribuição da produção total por região do país (2000-2022)

	Ciências Sociais		Outras áreas	
	n	%	n	%
Sudeste	39	58,2	80	55,2
Nordeste	18	26,9	28	19,3
Sul	5	7,5	17	11,7
Centro-Oeste	3	4,5	11	7,6
Norte	2	3,0	9	6,2
Total	67	100	145	100

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES (elaboração própria).

A região nordeste também mostra expressividade no volume de suas produções, concentrando mais de cerca de $\frac{1}{4}$ (26,9%) de todas as teses e dissertações na área de Ciências Sociais e quase $\frac{1}{5}$ na demais áreas. Esse dado pode ser compreendido pela expansão de dinâmicas relacionadas às facções criminosas no Nordeste e pelo crescimento de dinâmicas de violência na região. Contudo, mesmo com essa expressiva produção na região nordeste (Alagoas 1, Bahia 5, Ceará 7, Paraíba 1, Pernambuco 1 e Rio Grande do Norte 3), ainda não há produções nos programas de pós-graduação nas áreas de Ciências Sociais dos estados do Maranhão, Piauí e Sergipe.

Dentre os programas de pós-graduação nas Ciências Sociais, a área de Sociologia é a que concentra a maior parte da produção, tendo 46,7% das dissertações e 45,5% das teses sobre facções criminosas (tabela 4). As afinidades de abordagens teórica, temáticas de estudo e metodologias de pesquisa dos trabalhos realizados nos programas de pós-graduação em Ciências Sociais e Sociologia é um dado im-

portante que nos permite fazer uma análise integrada desses trabalhos que constituem a maioria da produção das diferentes áreas das Ciências Sociais.

Tabela 4 - Distribuição por áreas específicas das Ciências Sociais

Área do programa	Dissertações		Teses	
	n	%	n	%
Antropologia	7	15,6	4	18,2
Ciência Política	3	6,7	1	4,5
Ciências Sociais	13	28,9	6	27,3
Sociologia	21	46,7	10	45,5
Outros*	1	2,2	1	4,5
	45	100	22	100

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES (elaboração própria).

*PPG Estudos de Cultura e Território e PPG Sociedade e Cultura.

Para fazer uma análise mais substantiva sobre os assuntos tratados foi feito um levantamento das palavras-chave das 45 dissertações e 22 teses encontradas, posteriormente essas palavras foram agregadas em categorias. Foram encontradas 14 categorias que no seu conjunto expressam 90,2% de todas as palavras-chaves. Olhando mais em detalhe, vimos que nos estudos realizados dentro das Ciências Sociais há uma preocupação por parte dos autores em situar conceitualmente seus trabalhos. A partir da análise realizada, vimos que termos que fazem referência a conceitos e abordagens são os mais mobilizados, cerca de 16,8% de todas as palavras-chaves se referem a isso. No que diz respeito a temas, as questões que tratam de gênero e geração, mais especificamente de juventude e mulheres, aparecem em cerca de 9,4% das palavras-chave encontradas, sendo a segunda categoria mais frequente, seguida por violência/vulnerabilidade 8,6% e prisão/punição

8,2%, conforme a tabela abaixo (Tabela 5).

Os dados mostram ainda que os estudos sobre facções criminosas nas Ciências Sociais tendem a mobilizar e a dialogar com questões ligadas às ações de controle social e da polícia, dizem respeito à descrição de dinâmicas locais (lugares), relacionam-se com políticas públicas, tráfico de drogas, manifestações culturais, sociabilidade e áreas periféricas. Esse conjunto de dados nos mostra como o tema facções criminosas acaba sendo um ponto de encontro e convergência para o estudo de muitas questões que acabam sendo modificadas a partir da existência e atuação desses grupos.

Tabela 5 – Categorização das palavras-chaves encontradas em teses e dissertações nas Ciências Sociais

categorias	n	%
Conceitos	41	16,8
Geração/Gênero	23	9,4
Prisão/punição	21	8,6
Violência/vulnerabilidade	20	8,2
Facção/facções	19	7,8
Polícia/controle social	16	6,6
Lugares	15	6,1
Crime/criminalidade	15	6,1
Política	12	4,9
Nomes de facção	10	4,1
Drogas	9	3,7
Cultura	8	3,3
Periferia/favela	6	2,5
Sociabilidade	5	2,1
Outros	24	9,8
Total	244	100

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES (elaboração própria).

Nesse conjunto de teses e dissertações encontramos uma signifi-

cativa diversidade de abordagens metodológicas, com predominância de técnicas qualitativas; as mais frequentes são as entrevistas, a observação direta e análise documental. O esforço de pesquisa, em muitos trabalhos, mostra que os pesquisadores precisaram ficar um tempo significativo em campo tanto em periferias (RUOTTI, 2016) quanto em prisões (GODOI, 2015; DIAS, 2011). A política das instituições governamentais de não veiculação de dados oficiais sobre a existência e magnitude das facções criminosas no país explica em parte a tendência por trabalhos qualitativos, mas além disso, dentro de nossas Ciências Sociais, em especial no campo dos estudos da punição, há uma predileção por trabalhos de perfil indutivo, utilizando técnicas qualitativas (LOURENÇO; ALVAREZ, 2018).

Dentre as técnicas de pesquisa observadas, algumas diferem do *mainstream* de técnicas qualitativas mais usuais, é o caso das análises de trajetórias e das histórias de vida (FELTRAN, 2008; KRAHN, 2020). Tais estratégias de pesquisa podem revelar meandros de uma sociabilidade em que as facções são parte constitutiva. Poucos trabalhos utilizaram técnicas quantitativas, apenas dois trabalhos usaram de análise de dados secundários (SANTIBANEZ, 2012; SILVESTRE, 2016) e somente um de estatística inferencial (BASÉGIO, 2009).

Os temas e questões abarcadas mostram expressam as preocupações de pesquisas mais frequentes, as quais podemos agrupar em 6 eixos principais, a partir de sua centralidade nos trabalhos examinados:

- I. Sociabilidade juvenil e universo socioeducativo. O envolvimento de jovens no mundo do crime, a partir da *faccionalização* da juventude em bairros pobres periféricos (CANEPARO, 2015; SILVA, 2017; SANTOS, 2015; QUINDERE, 2020; PRATES, 2020) e no sistema socioeducativo (NERI, 2009; NO-

- GUEIRA, 2020; ANDRADE, 2020; SILVA, 2021);
- II. Vivência em periferias pobres, expressões culturais periféricas e em bairros populares com influência de facções, destacando as visões e perspectivas de sujeitos periféricos, moradores de áreas violentas onde atuam facções criminosas (CRUZ, 2009; ANDREA, 2013; BARROS, 2014; OLIVEIRA, 2017; SANTOS, 2019; FEITOSA, 2020; CARDOSO, 2021);
 - III. Mercado de drogas, características da disputa violenta entre facções rivais no mercado varejista de psicoativos e de manutenção de domínios, além de conflitos por conquista de novos territórios (LIMA, 2014, 2019; CONCEIÇÃO, 2015; CAMPOS, 2015; ALMENDRA, 2007);
 - IV. Enfrentamento das facções pelo estado, políticas de controle social e percepções de agentes estatais. A percepção e a perspectiva de agentes do estado, policiais nesses trabalhos contribui para a ampliação substantiva de argumentos e representações acerca das facções criminosas (SILVA, 2014; CARDOSO, 2015; SABORIO, 2015; MACEDO, 2015; ROSLLER JUNIOR, 2019; SILVESTRE, 2016; MIRANDA, 2016; ROMERO, 2020);
 - V. Inserção das mulheres e relações de gênero dentro das facções criminosas, tanto em áreas pobres de centros urbanos quanto em contextos de confinamento (MATTOS, 2014; BRITO, 2017; OLIVEIRA, 2020; GONÇALVES, 2021);
 - VI. Dinâmicas da ordem e sociabilidade nas prisões, cultura prisional e relações de poder entre os internos (FONSECA, 2002;

DIAS, 2011; HIGA, 2017; CARDOSO, 2019; ALMEIDA, 2021).

No que se refere à produção na área de Antropologia, notamos a unânime presença de técnicas etnográficas como ferramenta de pesquisa. A influência das facções nas relações de sociabilidade e afeto (MARQUES, 2010; GRILLO, 2013; PADOVANI, 2015) e as relações de gênero (OLIVEIRA, 2012; LIMA, 2013) foram os temas mais constantes. Não obstante, também foram estudadas as questões ligadas à presença de facções no sistema socioeducativo (MOREIRA, 2012) e as dinâmicas existentes nas facções prisionais (BIONDI, 2009, 2014; AMARANTE, 2019).

A área da Ciência Política, por sua vez, mostrou maior preocupação, se comparada proporcionalmente às outras, com processos macros e políticas de segurança pública, discutindo processos de governança (MOREIRA, 2020), modelos de gestão (TEIXEIRA, 2018), enfrentamento institucional (FREESTON, 2010) e funcionamento das instituições de Justiça (PEDRO, 2021). Essas preocupações de pesquisa foram executadas utilizando essencialmente dados secundários e análise documental.

Algumas considerações e desafios de pesquisa

Observando o volume da produção aqui analisada e as diferentes áreas do conhecimento envolvidas pode-se afirmar que facção criminosa, como definida no início deste texto, se apresenta como um objeto de estudo abrangente, multifacetado e transdisciplinar.

Contudo, há uma predominância em analisar parte ou aspectos da atuação desses grupos criminosos em detrimento de análises mais gerais que envolvam suas atuações tanto nas prisões quanto em suas

áreas de influência no espaço urbano. Como bem já apontaram Ribeiro e Teixeira (2017), o calcanhar de Aquiles, não apenas dos estudos sobre facções, mas sobre violência e criminalidade de uma maneira geral, está na dificuldade incorporar técnicas de pesquisa que possibilitem ir além do plano local e da análise descritiva. Isso coloca dificuldades para lograr uma produção mais abrangente do contexto nacional. Para além disso, ainda existem outros desafios que nos parecem importantes.

Se pensarmos nas questões mais constantes, o tratamento teórico e conceitual se coloca como uma preocupação, uma vez que se observa que poucos trabalhos apresentaram uma definição do fenômeno que estão tratando, não respondendo a uma pergunta fundamental: o que é uma facção criminosa? O pressuposto de que a definição compartilhada social e midiaticamente basta para definir facção criminosa empobrece teoricamente o debate. Esse desafio de aprofundamento teórico no campo de estudos prisionais já foi apontado anteriormente e continua presente (SALLA, 2006; LOURENÇO; ALVAREZ, 2018).

Além disso, a pouca elaboração conceitual coloca barreiras na análise comparativa de fenômenos semelhantes como os estudos de *prison gangs*, no contexto de países de língua inglesa (Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, África do Sul, por exemplo) ou *Maras* e *Clicas*, existentes em países de língua espanhola (Colômbia, Equador, El Salvador, Guatemala, para citar alguns). Acreditamos que o presente texto possa ter contribuído nesta construção conceitual, na medida em que enumerou e descreveu características fundamentais do que se convencionou chamar facção criminosa.

A agenda pública ligada às dinâmicas de violência e a presença de atividades de facções criminosas em todas as regiões do país também influenciou a agenda de pesquisa acadêmica, que com o passar

do tempo aumentou sua produção em contextos diversos, como o Nordeste, Sul, Centro-Oeste e Norte. Essa maior diversidade de estudos é importante uma vez que pode fornecer material para possíveis análises comparadas sobre diferentes estados do país, além de poder revelar especificidades não presentes em grupos que atuam a partir do Sudeste, como o PCC e o CV.

Em síntese, se por um lado a construção do diálogo com a literatura internacional ainda é incipiente, por outro lado, também é desafiadora a tarefa de incorporar e integrar as diferentes contribuições que vem se produzindo por todo o país. Contudo, o desenvolvimento das pesquisas aponta para as interações e intersecções de vários campos do conhecimento que começam a ser exploradas em produções que vão além de compreender ou explicar esse fenômeno como sendo uma preocupação analítica exclusiva da sociologia do crime, da punição ou mesmo da criminologia, mas como um objeto de estudo complexo.

Referências

ALBANI, João Gabriel. *Ao vivo em São Paulo: a produção de sentidos nas transmissões dos ataques do PCC*. 163 f. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ALEGRIA, Paula; BULGARELLI, Lucas; PINHEIRO MACHADO, Rosana. *Movimentos sociais contemporâneos: um balanço da produção de teses e dissertações em antropologia (2008–2018)*. *BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 93, p. 1-27, 2020.

ALMEIDA, Eduardo Lucas de. *A governança da ordem interna no sistema prisional: o caso da penitenciária Nelson Hungria*. 147 f. Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021

ALMENDRA, Carlos Aberto da Cunha. *Violência e Tráfico: O indizível e o impronunciável* — Cenas de Campinas, Rio de Janeiro e São Paulo. 298

f. Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ALVAREZ, Marcos César; SALLA, Fernando; DIAS, Camila Nunes. Das comissões de solidariedade ao primeiro comando da capital em São Paulo. *Tempo social*, v. 25, n. 1, p. 61-82, 2013.

AMARANTE, Natalia Firmino. *O certo pelo certo e o errado será cobrado*: narrativas políticas do sindicato do crime do RN. Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

ANDRADE, Iraci B. Vieira. “*A vida do crime é cruel*”: uma análise dos sentidos da punição para adolescentes autores de atos infracionais. 194 f. Doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

ANDREA, TIARAJU PABLO D. *A Formação dos Sujeitos Periféricos*: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. 309 f. Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BARROS, Tiara Alessandra Oliveira. *Alguma coisa está fora da ordem?*: relações de vizinhança no “pistão” — Salvador (BA). 171 f. Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

BASÉGIO, Leandro Jesus. *A transição criminológica nos municípios da RMPA*: uma análise a partir dos apenados nos anos de 1991 e 2000. 150 f. Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BIONDI, Karina. *Etnografia no movimento*: território, hierarquia e lei no PCC. 334 f. Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

BIONDI, Karina. *Junto e Misturado*: Imanência e Transcendência no PCC. Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

BRITO, Josiane Silva. *Relações de poder e representações acerca do trabalho da mulher presa*. 155 f. Mestrado em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, Santo André, 2017.

CAMPOS, Marcelo da Silveira. *Pela metade*: as principais implicações da nova lei de drogas no sistema de justiça criminal em São Paulo. 313 f. Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CANEPARO, Karin Cristina. *Enredos, desenredos e segredos*: o jovem e o

crime organizado. 160 f. Mestrado em Sociologia e Ciência Política. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CARDOSO, Alana D. Sousa. *Organizações criminosas em Mato Grosso à luz da associação diferencial: o caso dos salves determinados pelo Comando Vermelho na periferia de Cuiabá*. 144 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

CARDOSO, Gabriela Gomes. *“Fatores Associados à Distribuição Espacial dos Homicídios em Belo Horizonte”* 60 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CARDOSO, Renata Mauro. *A Estrutura das Prisões e a Emergência de Grupos de Crime Organizado em Belo Horizonte*. 97 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

CARNAVAL, Daniel B. de Resende. *O que resta é a pele: expressão e simbolismo das tatuagens de cadeia*. 170 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

CAVALCANTE, Clenia T. Lucena. *As dinâmicas das ruas de Fortaleza: Os processos e transformações nas vidas de pessoas nas margens da cidade*. 99 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

COELHO, Edmundo Campos. *Oficina do Diabo E Outros Escritos Prisionais*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CONCEICAO, Thiago Neri da. *O comando é noiz: descobrindo o tráfico na periferia de Salvador*. 165 f. Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CORDEIRO, Marcello D. *Enfrentamento integrado e globalizado da criminalidade organizada transnacional: Estudo de caso Operação Oceânica*. 138 f. Mestrado em Direito. Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009.

CORREIA, Liana Lisboa. *Adolescência, facções e pânico moral: uma análise sobre a reação do sistema de Justiça juvenil de Fortaleza aos ataques de janeiro de 2019*. 171 f. Mestrado em Direito. Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

COUTO, Cyro A. P. *Comunicação do Medo: os ataques do PCC*. 238 f. Mestrado em Comunicação e Cultura. Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2009.

CRUZ, Ana Paula Galdeano. *Para falar em nome da segurança: o que pensam, querem e fazem os representantes dos Conselhos Comunitários de Segurança*. 294 p. Tese (doutorado) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2009.

DE AZEVEDO SOARES, Silvio. “Além dos muros”: uma revisão das pesquisas sociológicas e antropológicas sobre a atual psiquiatria neurobiológica e extra-asilar. *BIB --Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 95, 2021.

DE OLIVEIRA, Márcio SBS. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 55, p. 180-186, 2004.

DECKER, S. H.; KATZ, C. M.; WEBB, V. J. Understanding the black box of gang organization: implications for involvement in violent crime, drug sales, and violent victimization. *Crime & Delinquency*, Los Angeles, v. 54, n. 1, p. 153-172, 2008.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. *Da pulverização ao monopólio da violência: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista*. 386 f. Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. Ocupando as brechas do direito formal: o PCC como instância alternativa de resolução de conflitos. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 2, p. 83-105, 2009.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. Estado e PCC em meio às tramas do poder arbitrário nas prisões. *Tempo Social*, v. 23, p. 213-233, 2011.

DOWDNEY, L. *Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

DUARTE, Thais. PCC versus Estado? A expansão do grupo pelo Brasil. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 1, 2021.

FACHINETTO, Rochele Fellini et al. As linhagens de descendência acadêmica dos pesquisadores “pioneiros” nos estudos sobre violência, crime e justiça criminal no Brasil (1970-2018). *Bib: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, SP. N. 91 (fev. 2020), p. 1-39, 2020.

FEITOSA, Antônio L. Cordeiro. *Bairro brincante: estudo sobre entrecruzamentos de socialidades constitutivas de um bairro de Juazeiro do Norte-CE*. 206 f. Doutorado em Sociologia. Universidade federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de Tensão: um estudo sobre política e violência na periferia de São Paulo*. 363 f. Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. *Caderno CRH*, Salvador, v. 23, n. 58, p. 5973, jan.–abr. 2010.

FONSECA, Mário. *Cartografia das resistências: uma análise antropológica do pavilhão oito da Casa de Detenção de São Paulo*. 146 f. Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

FRESTON, Rodrigo Braga. *Combate ao crime organizado: um estudo do PCC e das instituições do sistema de justiça criminal*. 92 f. Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

GODOI, RAFAEL. *Fluxos em cadeia: as prisões em São Paulo na virada dos tempos*. 246 f. Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

GONCALVES, Rosangela Teixeira. *Irmãs, cunhadas e guerreiras: O encarceramento de mulheres em São Paulo e as dinâmicas do Primeiro Comando da Capital (PCC)*. 402 f. Doutorado em Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal do ABC, Santo André, 2021.

GRILLO, Carolina C. *Coisas da Vida no Crime :Tráfico e roubo em favelas cariocas*. 291 f. Doutorado em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GRIMBERG, Samirian V. *Luta de Guerreiros, Castigos de Ninjas e Amor de Rainhas: Etnografia de uma Rebelião Prisional* 141 f. Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

HAGEDORN, J. M. The global impact of gangs. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, v. 21, n. 2, p. 153-169, 2005.

HIGA, Gustavo L. *Serpentes Negras, Pânico Moral e Políticas de Humanização nos presídios em São Paulo (1983-1987)*. 166 f. Mestrado em SOCI-

OLOGIA: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo, 2017.

ISSA, Yasmim. *Amigo Irmão CV*: Uma análise das cartas do coletivo do Comando Vermelho da Ilha Grande. 124 f. Mestrado em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

JACOBS, J. B. Street gangs behind bars. *Social Problems*, Buffalo, NY, v. 21, n. 3, p. 395-409, 1974.

KRAHN, Natasha M. W. *Uma vida atrás das grades*: trajetórias de vida entrecortadas por internações e prisões. 291 f. Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

LIMA, Antônio dos Santos. *Rastros de Fogo e Sangue*: Estudo sobre a (des)centralização de um mercado varejista de drogas na Grande Salvador. 144 f. Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

LIMA, Antônio dos Santos. *Rotas Alteradas*: Estudo sobre Mercados de Drogas e Sociabilidade na Grande Salvador. 277 f. Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

LIMA, Jacqueline S. Ferraz de. *Mulher Fiel*. As famílias das mulheres dos presos relacionados ao Primeiro Comando da Capital. 164 f. Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

LOPES, Luís Fernando. *Charge jornalística*: estudo do discurso chargístico da Folha de S. Paulo veiculado no período da crise deflagrada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC). 95 f. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LOPES, Nilza T. R. *Medida de Combate ao Crime Organizado*: Ação Civil de Extinção de Domínio, Uma Análise de Direito Comparado. 105 f. Mestrado em Direito. Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2011.

LOURENÇO, Luiz C.; ALMEIDA, O. L. de. “Quem mantém a ordem, quem cria desordem”: gangues prisionais na Bahia. *Tempo Social*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 37-59, jun. 2013.

LOURENÇO, Luiz C.; ALMEIDA, O. L. de; DIAS, C. C. N. *Discutindo elementos para a definição e a atuação de coletivos de internos do sistema prisional de São Paulo e Bahia*. In: 39o Encontro Anual da ANPOCS, 2015, Caxambu. Anais do 39o Encontro Anual da ANPOCS, 2015. v. 1.

MACEDO, Henrique de L. dos S. *Confrontos de ROTA*: a intervenção po-

licial com resultado morte em São Paulo. 201 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

MACHADO, Bruno Amaral; PORTO, Maria Stela Grossi. Violência e justiça criminal na área metropolitana de Brasília: dinâmicas organizacionais e representações sociais. *Tempo social*, v. 28, p. 217-242, 2016.

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. PCC, sistema prisional e gestão do novo mundo do crime no Brasil. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, v. 11, n. 2, 2017.

MARQUES, Adalton José. *Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões*. 119 f. Mestrado em Ciência Social (Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MATTOS, Carla dos Santos. *Viver nas margens: gênero, crime e regulação de conflitos*. 198 f. Doutorado em Ciências Sociais. Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MEDEIROS, Francisco da Silva. *Representações sociais obre a violência entre moradores do condomínio Rubem Berta, em Porto Alegre — RS*. 124 f. Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MELO, Juliana; PAIVA, Luiz Fábio S. Violências em territórios faccionados do Nordeste do Brasil: notas sobre as situações do Rio Grande do Norte e do Ceará. *Revista USP*, v. 1, n. 129, p. 47-62, 2021.

MIGUEL CRUZ, José. Central American maras: from youth street gangs to transnational protection rackets. *Global Crime*, v. 11, n. 4, p. 379-398, 2010.

MIRANDA, Yasmim L. R. *O Grupo de Intervenção Rápida (GIR): a gestão intramuros do encarceramento em massa no Estado de São Paulo*. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

MOREIRA, Alex. *O PCC em São Paulo: “coletivo de presos” ou “organização criminosa”?* 110 f. Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

MOREIRA, Fábio Mallart. *Cadeias dominadas: dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos*. 186 f. Mestrado em Ciência Social (Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NAYLOR, R. T. *Economic and Organized Crime: Challenges for Criminal Justice*. Department of Justice, Research and Statistics Division, 2000. www.justice.gc.ca

NERI, Natasha B. R. E. “*Tirando a cadeia dimenor*”: A experiência da internação e as narrativas de jovens em conflito com a lei no Rio de Janeiro. 164 f. Mestrado em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NOGUEIRA, Jailson A. *Efetivação (e violação) de direitos por facções criminosas sob a perspectiva dos adolescentes internados no CASE Mossoró/RN (2019)*. 140 f. Mestrado em Ciências Sociais e Humanas. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

OLIVEIRA, Ana H. da S. *As Primas Fiéis: aspectos sociológicos da ascensão das mulheres no mundo do crime por meio das facções no Presídio Auri Moura Costa*. 190 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.

OLIVEIRA, Eduardo Brandão. *Do bando ao PCC: a gestão da violência e seus desdobramentos na sociabilidade em Paraisópolis*. 181 f. Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

OLIVEIRA, Luciana M. R. de. *Crime é “coisa de mulher”*: Identidades de gênero e identificações com a prática de crimes em posição de liderança entre mulheres jovens na cidade de Recife-PE. 197 f. Doutorado em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

PADOVANI, Natalia C. *Sobre casos e casamentos: Afetos e “amores” através de penitenciárias femininas de São Paulo e Barcelona*. 400 f. Doutorado em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

PAIXÃO, Antônio Luiz. *Recuperar ou punir?: como o Estado trata o criminoso*. Cortez Editora, 1987.

PEDRO, Ramirez de A. S. *Fações criminosas prisionais, violência e criminalidade na semidemocracia brasileira*. 254 f. Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2021.

PHILLIPS, C. ‘It ain’t nothing like American with the Bloods and the Crips’: gang narratives inside two English prisons. *Punishment & Society*, London, v. 14, n. 1, p. 51-68, Jan. 2012.

PRATES, Ane Briske. “*Aqui é guerra todo dia*”: Juventude e cotidiano em um bairro popular de Porto Alegre — RS. 109 f. Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

PYROOZ, D. C.; Decker, S.; Fleisher, M. From the street to the prison, from the prison to the street: understanding and responding to prison gangs. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, London, v. 3, n. 1, p. 12-24, Jan. 2011.

QUINDERE, Vita C. M. S. “*Aqui é resistência!*” estudo sobre os coletivos de jovens no território Grande Bom Jardim. 213 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.

RAMALHO, J. R. O mundo do crime: A ordem pelo avesso. São Paulo, Ibccrim, [1976] 2002.

RIBEIRO, Ludmila; OLIVEIRA, Victor Neiva; BASTOS, Luiza. Pavilhões do Primeiro Comando da Capital: tensões e conflitos em uma unidade prisional de segurança máxima em Minas Gerais. *O Público e o Privado*, v. 17, n. 33 jan. jun, p. 213-241, 2019.

Ribeiro, L.; Teixeira, A. N. (2017). O calcanhar de Aquiles dos estudos sobre crime, violência e dinâmica criminal. *BIB — Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, (84), 13–80.

ROMERO, Gabriel de S. *Dispositivo de violência letal* — práticas e regulação da letalidade pela polícia e pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) em São Paulo. 152 f. Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020.

ROSSLER JUNIOR, Eduardo H. *A vila e a prisão*: novas perspectivas do conceito de prisionização. 156 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

RUOTTI, Caren. *Pretensão de legitimidade do PCC*: justificação e reconhecimento de suas práticas nas periferias da cidade de São Paulo. 223 f. Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SABORIO, Sebastian. *As Unidades de Polícia Pacificadora*: O controle da violência urbana no Rio de Janeiro. 382 f. Doutorado em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SANTIBANEZ, Dione A. de C. de S. *A Globalização da Criminalidade Or-*

ganizada. 109 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SANTOS, Carlos E. B. dos. “*Okaida*” e “*Estados Unidos*”, *organizações criminosas*: a nova face da criminalidade na cidade de João Pessoa, Paraíba. 161 f. Mestrado em Ciências Sociais. Universidade do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SANTOS, Janrryer Mota. “*Sangue, silêncio e revolta*”: uma etnografia com mães que perderam seus filhos nas lutas faccionais do crime ou pela violência policial. 112 f. Mestrado em Antropologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SANTOS, Sérgio da Silva. *As Narrativas Sobre as Facções Criminosas em Alagoas*: Polícias, juventudes, territorialidades, criminalidades e racismo institucional. 243 f. Doutorado em Sociologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SILVA, Ada Rizia B. da. *Cadeias de tensão*: repertórios disciplinares de Facções e do Sistema em unidades de internação alagoanas. 220 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SILVA, David E. M. da. *Da festa à chacina*: formas de gestão da violência e do crime em São Carlos/SP. 164 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SILVA, Evandro Cruz. *Molecada do corre*: comércio, experiência geracional e moral no Primeiro Comando da Capital’ 14/02/2017 138 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos,

SILVA, Sebastião Ferreira da. *A efetividade dos Direitos Humanos na Cadeia Pública Feminina de Babaçulândia — TO*: um estudo de caso. 173 f. Mestrado em Estudos de Cultura e Território: Fundação Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2017.

SILVA, Vitoria Rodrigues da. “*Envolvidas*”: a experiência social das adolescentes em medida socioeducativa privativa de liberdade. 178 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

SILVESTRE, Giane. *Enxugando iceberg*: Como as instituições estatais exercem o controle do crime em São Paulo. 314 f. Doutorado em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

SKARBEEK, D. Putting the ‘con’ into constitutions: the economics of prison

gangs. *Journal of Law, Economics, and Organization*, Oxford, v. 26, n. 2, p. 183-211, Mar. 2010.

SKARBEEK, D. Governance and prison gangs. *American Political Science Review*, Cambridge, v. 105, n. 4, p. 702-716, Nov. 2011.

SOUZA, Alex Sandro N. de. *Cidades Amazônicas na Fronteira: dinâmica urbana, comércio e migração peruana no Alto Solimões* — AM. 172 f. Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

TEIXEIRA, Sergio W. D. *Muros altos e rios de sangue, o sistema penitenciário federal e a expansão das facções criminosas*. 160 f. Doutorado em CIÊNCIA POLÍTICA: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

VIANA, Douglas E. da S. *A Família, a empresa e o Comando: as faces do PCC em Minas Gerais*. 185 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

VILOTE, Alaíde R. de L. *Violência escolar e aprendizagem nas escolas de Fortaleza: a compreensão dos professores de Sociologia*. 108 f. Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

Resumo:

O fenômeno social que envolve a atuação organizada de grupos criminosos no país, tanto dentro quanto fora das prisões, ganha importância e relevância dentro de diversas áreas do conhecimento. Propomos aqui um conceito operacional de ‘fação criminosa’ e a partir dele mapeamos a produção acadêmica dos programas de pós-graduação (dissertações e teses) no Brasil. Foi utilizado o Catálogo de Teses e Dissertações CAPES para o levantamento das produções disponíveis. Foram encontradas 212 referências entre 2000 e 2022. Essas referências foram agrupadas e analisadas levando-se em conta as dinâmicas regionais e também as respectivas áreas de conhecimento. As produções que compõem as Ciências Sociais, incluindo Antropologia, Sociologia e Ciência Política somaram 67 referências. Há uma diversidade nas questões abordadas, destacam-se os estudos sobre jovens, periferias, disputas territoriais, formas de enfrentamento do estado e relações de gênero. Quanto aos aspectos metodológicos há o predomínio de uma perspectiva indutiva e de técnicas qualitativas. O crescimento e diversidade temática das questões tratadas mostra o desafio na construção do diálogo com diferentes campos do conhecimento, além de incorporar as diferentes contribuições existentes nas áreas das Ciências Sociais.

Palavras-chave: facções criminosas; grupos criminosos; periferia; prisão.

Abstract:

The social phenomenon that involves the performance of criminal groups in Brazil, both inside and outside prisons, is gaining importance and relevance within several areas of knowledge. We propose here an operational concept of this phenomenon (criminal faction) and based on it we map the academic production of postgraduate programs (dissertations and theses) in Brazil. The Catalog of Theses and Dissertations CAPES was used to search the available productions. 212 references were found between 2000 and 2022. These references were grouped and analyzed taking into account regional dynamics and also areas of knowledge. The productions that make up the Social Sciences, including Anthropology, Sociology and Political Science totaled 67 references. There is a diversity in the issues addressed, highlighting studies on young people, neighborhoods, territorial disputes, forms of management and gender relations. As for the methodological aspects, there is a predominance of an inductive perspective and qualitative techniques. The growth and thematic diversity of the issues addressed shows the challenge in building dialogue with different fields of knowledge, in addition to incorporating the different contributions existing in the areas of Social Sciences.

Keywords: criminal factions; criminal groups; violent neighborhood; prison gangs.

Recebido para publicação em 25/05/2022.

Aceito em 11/10/2022.



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

